



## Dos espaços que o tempo silencia: novos dados para a interpretação do conjunto edificado do convento dominicano de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Paraíso (Évora)

*Inês Palma, Colaboradora do CIDEHUS  
Antónia Fialho Conde, Departamento de História da Universidade de Évora/  
CIDEHUS*

*Apertado, como ferro de engomar, pela triangulação formada entre as ruas de Machede e de Mendo Estevens, com base no Palácio dos Soutos, existiu em Évora, até fins do século passado, um cenóbio de freiras dominicanas, que o camartelo demolidor fez impiamente desaparecer em 1899-1900, deixando em seu lugar um vergonhoso terreiro.*

(Mendeiros 1952)

Acompanhando o que se fazia sentir em todo o país, e reflexo da vivência religiosa europeia da altura, surgem ao longo do século XIII, dentro da cidade de Évora, novas formas de experienciar a vida religiosa feminina.

### RESUMO

Surge o presente artigo com o objetivo de, a partir da pesquisa e análise documental, contribuir para o conhecimento da fundação e da evolução do conjunto construído do desaparecido convento do Paraíso, convento feminino dominicano existente em Évora. O seu início remonta a inícios do século XV e a sua extinção ao ano de 1897, quando morre a última religiosa, seguindo-se o seu desmembramento e demolição.

**PALAVRAS-CHAVE** | Évora, Convento do Paraíso, Ordem de São Domingos, monaquismo feminino.

### ABSTRACT

This article aims to contribute, based in documental research and analysis, to the knowledge of the foundation and architectural evolution of the disappeared convent of Our Lady of Paradise, a female Dominican convent in the city Évora. The beginning of its history dates back to the beginning of the 15<sup>th</sup> century and ends when the last nun dies in the year 1897, after this date the convent was closed, extinguished and demolished.

**KEYWORDS** | Évora, Convent of Our Lady of Paradise, Order of St. Dominic, female monasticism.



*Emparedadas, recolhidas* ou intituladas como *mulheres da pobre vida*<sup>1</sup>, nascem estas pequenas comunidades religiosas, que se autogovernam, formadas por mulheres leigas, normalmente donzelas sem nenhuma instrução clerical, e se encerravam<sup>2</sup> do mundo e de tudo o que ele representava. Numa tentativa de melhor servir a Deus, viviam despojadas dos bens mundanos, e embora não seguissem nenhuma *Regra* reconhecida acabavam por se submeter à autoridade do Bispo. Foi neste contexto que surgiu a comunidade das *Galvoas*, mulheres da pobre vida, defensoras da caridade e humildade, da qual Beatriz Galvoa tinha a *ministração* à data de 31 de Julho de 1460, quando mandou redigir o seu testamento<sup>3</sup>.

É através deste documento que chegamos até nós as primeiras informações e o ponto de partida para que se possa traçar a evolução do que viria a ser o Convento do Paraíso. Não sabemos ao certo quando o recolhimento teve início<sup>4</sup>; contudo, Beatriz Galvoa deixa evidente que antes dela existiram *aquellas que nos doutrinaram*<sup>5</sup>, e que o local onde por esta data habitavam “(...) *fora o meu pay Meem Gouçalvez cu/ ja alma deos aja fez doaçam e esmola de çertas casas/ destas que posuymos pera eu com Ines minha irmãa e/ outras pobres vivermos de comunidade e relegiosamen-/ te. (...)*”<sup>6</sup>. Esta informação ganha ainda maior relevância quando comprovada com a doação feita por Mem Gonçalves e Mor Vasques Galvoa às filhas Beatriz e Inês de umas casas no início da Rua de Machede, onde, em 1438, já praticavam uma *pobre vida* juntamente com Beatriz de Elvas, sua parceira<sup>7</sup>. Assim, segundo estas informações, o recolhimento não terá tido origem em três irmãs órfãs<sup>8</sup>, como também se levanta a questão de onde terá começado fisicamente, pois pressupondo que Beatriz Galvoa foi a sua segunda “gestora” dificilmente terá tido origem em casa de seus pais. Hipoteticamente poderá ter surgido numa outra habitação, certo que na mesma rua, junto à casa dos pais das Galvoas e quando esta tomou a governação das ditas mulheres terá Mem Gonçalves doado *humas casas que nos avemos na dita cidade so a porta de moura/ que partem de huã parte per rua publica de/ machede e por detrás outro sy/ per rua publica de meedo Estez e com casas de Diogo Mendes pintor/ e com casas e quintal de Alvaro Esteves*<sup>9</sup>.

O edifício teve inicialmente porta para a rua de Machede<sup>10</sup> e por recomendação de Beatriz Galvoa não devia alojar mais que oito servas de Deus<sup>11</sup>, dispostas quatro em cada quarto, como refere a escritura de doação de seu pai.

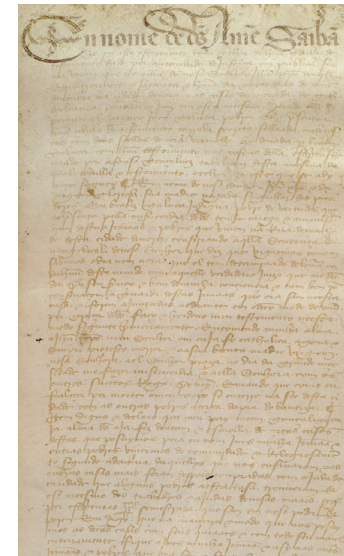
Se porventura teve um início retraído e confinado a espaços reduzidos, a esmola e mecenato de grandes nomes ligados à Corte e os dotes das noviças vem em muito engrandecer este retiro. Cresceu ainda mais, tanto com benevolência (esmolas, doações) como pelo trabalho das recolhidas. Assim, em 1457, por doação, recebem umas casas na rua Mendo Esteves, junto ao recolhimento, para fazerem quintal ou o que precisassem<sup>12</sup>; de igual forma, em 1459, obtém da Câmara licença para ocuparem “ (...) *huã uara de medir pano em largo (...)*”<sup>13</sup> da rua de Mendo Esteves; as escrituras de doação e compra de moradas de casas multiplicam-se à medida que os anos avançam<sup>14</sup>.

Apesar do testamento de Beatriz Galvoa identificar o ano de 1461 como o de sua morte, este pode estar errado uma vez que todos os outros documentos que encontramos fazem referência a 1471. Sucede-lhe enquanto figura central da gestão do recolhimento Mécia Martins<sup>15</sup>, que terá governado o recolhimento até 1508. Durante os 37 anos da sua governação, o Padre Francisco da Fonseca menciona<sup>16</sup> que em muito cresceu o retiro no número e na qualidade das pessoas, aqui referindo-se claramente à conhecida personagem de Joana Correia que, para lhe agradarem, as restantes companheiras professaram na Terceira Ordem de S. Domingos em 1499<sup>17</sup>. Refere o mesmo autor que ainda em tempo das Galvoas formaram sua hermidinha<sup>18</sup> no mesmo sitio em que hoje/está a igreja: *ahi estando algumas vezes em oração, foram vistas*<sup>19</sup>. Talvez não tivessem as ditas pobres mais que um oratório colocado em alguma capelinha, até porque a primeira igreja, ainda que muito pequena, foi construída em vida de D. Mécia.

Conserva-se na Biblioteca Pública de Évora uma *Memória* com a data de 1516<sup>20</sup>, embora talvez seja de uns anos a seguir à Observância, que nos permite compreender melhor a pequenez do local. Provavelmente a pedido da própria priora da altura, Joana Correia, a *Memória* começa por referir que quando *Madre Mycia era priora desta Caza sendo já da / Terceira Regra era esta Caza tão piquinina, que toda junta com seu oratório e, / oficinas cabião naquela so Caza, que agora he Côro de baixo, ficando o altar-mor na parte que agora está a grade do Coro/ de baixo onde fazem as Proffições*<sup>21</sup>.

Portanto, e tendo em conta que o coro de baixo nesta data de 1516 se situava no lado do Evangelho, presumimos que a primeira capela-mor tinha as costas para a rua de Mendo Estevens. Não sabemos ao certo a dimensão do recolhimento, que já contava com as moradas doadas anos antes; contudo, se depois foi adaptado a casa de coro, dentro de uma igreja que já era famosa pela sua pequenez, então o seu espaço inicial teria sido mesmo muito reduzido, aliás as religiosas mesmo dizem, segundo os documentos, que viviam muito *apertadas*<sup>22</sup>. De notar que já por esta altura se faz menção às oficinas e ao trabalho manual das recolhidas.

A entrada de Joana Correia no convento, donzela de primeira nobreza e irmã do Cónego Francisco Correia, cunhada de Ruy de Grã, parece ser a alavanca impulsionadora para o crescimento e alargamento do edifício, tanto a nível físico como espiritual. À sua mercê, e valendo-se da liberalidade de D. Manuel, à qual se juntou o carácter devocional do seu camareiro-mor, D. Álvaro da Costa<sup>23</sup>, ganha o Convento de Nossa Senhora do Paraíso<sup>24</sup> um considerável conjunto de obras. Dizem as *Cronicas da Ordem*<sup>25</sup>, que foi o próprio irmão de D. Álvaro, Braz da Costa, a pedir esmola pelas nobres casas da Corte para que tal se fizesse. Começaram as obras ainda em tempo da Madre Mécia<sup>26</sup>, e *as primeiras Cazas, que ouverão, forão hu- / mas, que forão de huma Lionor Gil as quaes estão pegadas com a Caza e/ Ryu de Graam Cinhado da Madre Joanna Correa, as ouve de El Rey*<sup>27</sup>. A grande campanha de obras terá acontecido, muito provavelmente, entre 1516 e 1536,



período que assinala o início da clausura e em que tomam a Primeira Ordem de São Domingos<sup>28</sup>, começando a ser vistas efetivamente como religiosas (enquanto Terceiras ainda constam como leigas e não tinham tal estatuto).

Logo em início do novo *Regimento* como Observantes terá D. Álvaro da Costa doado cem mil réis com que se terão comprado as atafonas de André de França Moniz<sup>29</sup>, juntamente com casas de Pêro de Touro, de Álvaro Vieira e *huma vinha abaixo destas*. À custa do camareiro de D. Manuel ficou toda a construção da igreja: *d. Alvaro da Costa a sua própria custa fes a Igreja ea Capella mor; / e o Côro com suas cadeiras, e assim outras couzas para que deu muntas esmolos*<sup>30</sup>. Porém, não ficando a primeira capela-mor a seu gosto, manda-a destruir para se construir outra em seu lugar<sup>31</sup>. Provavelmente, a reedificação da derradeira capela-mor coincide com a fase de expansão do convento; a par disto, encontramos também referências a obras suportadas pelas irmãs tanto no coro como na casa do Capítulo<sup>32</sup>, à mesma data.

A igreja, com três portas laterais, duas para a rua Mendo Estevens (provavelmente uma delas seria a entrada principal) e outra para a rua de Machede<sup>33</sup>, sofreu alterações em inícios da governação da madre Joana Correia. Assim, o anterior coro dá lugar à capela-mor, junto à qual se constrói, no lado do Evangelho uma sacristia<sup>34</sup>, provavelmente uma pequena arrecadação onde se instala mais tarde a capela familiar dos Costa<sup>35</sup>; Joana Correia determinou ainda construir um púlpito na nave, no lado do Evangelho, paralelo à rua Mendo Estevens, entre a capela-mor e a entrada principal. À data da *Memória* já teria dado lugar à *capella do sepulcro de noso senhor*<sup>36</sup> / *com huma sancristia piquinina debaixo delle peral os clérigos, he assy mandou fazer a capella na igreja onde recebem as madres a comunhão*<sup>37</sup>. Para tal, obtiveram em 1519 licença de D. Manuel para tomarem da rua pública o quanto lhes fosse necessário para construir o edifício: “ (...) designou a ter igreja e sacristia; dormitório e claustros; caza per noviças; e per os teares que agora [sic] das memorias antigas chamanlhe Eoje casa de costuras; cinco que realmente erao de teares”<sup>38</sup>. Este consentimento do *Venturoso* será fulcral para todo o desenrolar de obras que se verifica a partir desta data.

De paredes revestidas a azulejos, dadas as descrições que restam, a igreja era coroada por abóbada polinervurada, suportada por três arcos de estilo manuelino, onde a madre superiora decidiu construir três altares em feitiço de capelinhas. Provavelmente, dois no lado do Evangelho, o do Sepulcro e o de Nossa Senhora da Assunção, e o de Santo António no lado da Epístola, (em frente ao do Sepulcro), que cedeu mais tarde lugar à capela do cónego Francisco Correia<sup>39</sup>. Não sabemos ao certo como seria feito o encaixe destes altares nos arcos, poderiam estar entre ou dentro dos mesmos; contudo, para além de espaço de oração e comunhão com Deus, também até esta altura era a igreja o seu local de labor. Talvez por disporem ainda de um espaço tão reduzido:

*(...) a abobada era huma Caza que primeiro servia de Theares e de Officios e quando servia/disto erão os arcos da Igreja serrados e em hum deles estava huma grade que servia esta Ca-/za naquele tempo de Côro, honde as Freiras rezavam e tomavam a Cumunhão .<sup>40</sup>.*

Quando o mecenas, D. Álvaro, manda construir o coro definitivo<sup>41</sup> diz-nos a mesma fonte que os altares foram abertos; fica a dúvida se seriam abertos de forma física, alargados e em vez de inseridos em capelas colaterais começam a fazer parte da nave, ou se foram abertos no sentido de receberem novas invocações; pensamos que a primeira opção será a mais viável. Este coro, pequeno e escuro, como refere Túlio Espanca<sup>42</sup>, tinha o tecto abobadado e sustentado por uma coluna central, com duas grades para a igreja e continha uma escada do lado direito que o ligava ao coro de cima. Do lado esquerdo, existiam duas capelinhas das quais só uma surge referenciada, em talha dourada colocada entre a porta e a janela que dava para o claustro; esta encerrava a Imagem do Senhor Morto (a ser assim, existiam duas imagens de tamanho real do dito Senhor Morto). Diz-nos o Padre Francisco da Fonseca que aqui estava o túmulo de Ruy de Grã, que juntamente com Inês Correia, sua mulher, manda instituir capela no convento<sup>43</sup>. Porém, Ruy de Grã morre em 1519 e terá sido inicialmente sepultado na capela-mor e só depois trasladado para a sua capela:

*(...) Ines Correa e seu marido Ruy da Grã/ adoeceram juntos he ambos em hum dia estiverom/ confessados comungados e ungidos he por nam/ saberem qual delles faleceria primeiro aspor/taram hum do outro emfingindo que por a/ muyta gente que venham falar com elle faziam/ este apartamento he a caresa era por nam vir/ a morte do outro. He elle faleção primeiro/ e tudo foy com tanto resguardo que day o tira/ram sem ella saber que era morto he foy/ enterrado na capella moor da igreja desta/ casa he day foy depois treladado pera sua/ capela que hee a do sepulcro de nosso senhor/ e no moymento que ay esta jaz a sua ossada (...) <sup>44</sup>.*

Essa capela será a que, à morte do marido, Inês mandou fazer de nôvo a Capp<sup>a</sup> do Snr môrto e a ornou de varias pessas de / pratta e de tudo o mais necessário p<sup>a</sup> se dizer a Missa quotidiana<sup>45</sup>, e que talvez por algum impedimento a tivesse mandado fazer de novo mas dentro do coro. Faria todo o sentido que o altar que mandou arranjar fosse aquele onde o seu marido estava sepultado; todavia, sendo convento feminino e não sendo Ruy de Grã o padroeiro, não receberia sepultura na nave mas porventura num local mais recolhido do coro. Quanto à localização da casa do Capitulo, não é mencionada nas *Memórias*; mas a descrição que o inventário<sup>46</sup> à época de extinção faz do convento, dá-nos a entender que, pelas características arquitetónicas, seria da época manuelina, com três naves e três tramos abobadados com colunas de pedra. Provavelmente, estaria no final da igreja, mas perpendicular a ela, com ligação ao claustro<sup>47</sup>.

Erguia-se todo o complexo a partir de um piso térreo que suportava outros dois em altura e acolhia dois claustros no seu interior, o piso inferior e o piso superior<sup>48</sup>. A igreja, para além da descrição feita anteriormente, era composta por uma pequena sacristia no lado do Evangelho, com lavatório de pedra encimado pelas armas de S. Domingos, e pelo Coro com passagem para o Coro de cima através de uma escada, como já referimos. Este era ladeado por oratórios e encimado na parte das grades por um nicho, virado para a igreja, onde *esteve sempre, costuma e está ainda esta sacradíssima imagem May de deos a Senhora do Paraizo*<sup>49</sup> *lá no Coro de Cima em hum altar sobre as grades, com hum retábulo no vaam de hum arco*<sup>50</sup>.

Do Coro partiria um estreito corredor que, através de uma pequena porta, fazia ligação ao dormitório das religiosas; este teria o chão coberto por lajes, com celas à direita e à esquerda, tinha na parede virada a nascente um pequeno nicho com o Senhor Crucificado; dava ainda acesso a um pequeno pátio com varanda, que poderia ser o claustro superior, onde estava a capela de S. Bento. No piso de baixo, correspondia a estes espaços uma casa de teares (que deu origem à capela de S. José), ao despejo da sacristia e a uma amassaria que passou a ser sacristia de ornamentos. Junto a esta sacristia ficava uma casa pequena que a madre tinha fechada e que poderia corresponder à livraria<sup>51</sup>; por cima desta estava a casa das noviças.

Voltando ao primeiro piso, junto ao dormitório estava a enfermaria, aqui com a capela de Nossa Senhora do Rosário<sup>52</sup>, e a casa dos ofícios, à qual correspondia, no piso inferior, o acesso para o dormitório das criadas. Debaixo da enfermaria ficava o refeitório; o claustro, com as suas varandas, percorria todas as oficinas até à porta do refeitório, junto da cozinha. Por sua vez, a cozinha tinha serventia para um quintal pequeno com duas varandas, onde estava uma porta para o celeiro e outra para uma casa onde ficou depois a amassaria, que também era utilizada como lavandaria, havendo ainda outra casa que também servia de ofícios, para onde se mudaram os teares. Tinha esta casa dos teares, uma porta para um quintal de galinhas. Sobre todas estas divisões estaria uma casa grande de ofícios, com sobrado e que dava para duas outras, uma que servia de despejos e outra onde estavam as necessárias<sup>53</sup>.

Sabemos que ao longo do claustro superior se desenrolava um grande número de capelinhas, sete mais as já mencionadas anteriormente<sup>54</sup>, talvez idêntico ao que acontecia em Santa Clara ou noutros mosteiros e conventos da cidade, segundo a descrição do P. Manuel Fialho.

De notar a extrema importância das casas dos teares e dos ofícios (além das amassarias, que poderiam servir não apenas para consumo exclusivo da comunidade), no fundo as casas de labor, testemunho que não viviam ociosamente as horas que lhes restavam do coro. De facto, ao longo da sua história, as religiosas do Paraíso ficaram conhecidas pela

sua aptidão por trabalhos manuais, desde os bordados a matiz e a ouro<sup>55</sup>, ou os papéis rigorosamente dobrados onde seguiam as iguarias conventuais que preparavam, cuidadosamente decoradas com açúcar.

Joana Correia (1508-1532) esteve vinte e quatro anos à frente dos destinos da comunidade e, apesar não ter sido tempo suficiente para fazer todas as obras de ampliação necessárias ao edifício, pois serão as suas sucessoras a fazê-lo, a sua ação nesta grande empreitada marcou a época dourada do Paraíso.

Deste tempo resulta um considerável número de peças arquitectónicas manuelinas ou renascentistas, merecedoras de destaque<sup>56</sup> e conseguidas graças ao mecenato e aos dotes das religiosas, que cada vez mais corriam ao mosteiro atraídas pela boa fama do cenóbio. Já indicadas por reconhecidos autores, desde o Padre Manuel Fialho, ao Padre Francisco da Fonseca ou Gabriel Pereira, salientam-se o túmulo de D. Álvaro da Costa; o singular refeitório, casa grande, escura e húmida com o tecto em carvalho suportado por quatro<sup>57</sup> elegantes colunas datadas de 1533, de mármore, cuidadosamente decoradas na base e no capitel, e que se dizia em Évora ou no país não haver igual. O arco que se abriu no coro de cima, ou a fonte que estaria no claustro de baixo, de mármore, com dois querubins alados que deitavam água pela boca, todos eles elementos que Túlio Espanca<sup>58</sup>, apoiado em Reynaldo dos Santos, atribui a Nicolau Chanterenne, que se instalara na cidade em 1532.

Será a sucessora de Joana Correia, Margarida da Anunciação ou de Grã<sup>59</sup>, *primeira Infermeira*<sup>60</sup> a finalizar o projeto iniciado em tempos da tia. Refere Margarida de Grã, que à morte de Joana Correia fica a *Igreja meya feita e ho capitulo cerrado de cyma d'abobada*<sup>61</sup>; contudo o seu legado será mais em termos de ornamentação do que obras estruturais.

Encontramos no *Livro 1 do Paraíso* (BPE) o *Titulo das obras que ficaram começadas ao tempo do falecimento da madre/ muyto virtuosa Joana Correa*<sup>62</sup>, assinado por *Joseph Joham*, tabelião, em 31 de Janeiro de 1538. Contudo, o rol de obras que seguem enumerados a seguir, não podemos confirmar que serão de data coincidente, uma vez que o livro não segue uma linha cronológica e não existe datação<sup>63</sup>; refere o mesmo documento *que na era de I bc XXVIII (1528) depois das obras/ atrás escritas serem acabadas*<sup>64</sup> (obras que assinalamos no anexo 3).

Poderão, porventura, atribuir-se à filha de Ruy de Grã, ainda na década de 30, toda:

*a obra que se fez [sic] no dormitorio na livraria do choro e da casa das enfermas e das outras cazinhas que de dentro do dormitorio estam he assy da sancristia com sua casa de despejo he do refeitório com suas oficinas [sic] refeitoraria e casa d'agoa com sua casa da louça e com a livraria do mesmo refeitório he assy da cozinha com sua procuração he assy da lavandaria com sua varandas de çyma que estam e ham de servir para vistoria he assy as duas capellas [sic] a de sam Domingos que esta Junto do choro he a debaixo*

*de sam Joseph com suas casinhas he assy de sam Joham Baptista he o de nossa senhora da Assunção<sup>65</sup> he ho chafariz que esta na crasta e da varanda d'ante o choro com o outro pedaço da outra que esta feita de nouo.<sup>66</sup>*

Será ainda em vida de Margarida de Grã, por carta de D. João III à Câmara, que se concede *certa porção d'água do cano da Agua da prata<sup>67</sup>* ao Convento, mandando o Rei construir um cano no Paraíso. Terá ficado esta madre à frente dos destinos da comunidade mais de quatro décadas (c. de 48 anos, uma vez que não há registo de nenhuma outra priora entre 1532 e 1580). Sucede-lhe a 22 de Outubro de 1582 D. Leonor de Melo (ou Leonor de Jesus Cristo) que *acrescentou o dormitório das Relligiosas/ e fes dormitório per as molheres de serviso/ e caza das prelladas e novisaria/ e huã caza demtro do dormitório em que dormem três Relligiozas<sup>68</sup>*. Encontramos no Arquivo Distrital de Évora o contrato com o pedreiro da dita obra, André Caeiro, e outro contrato celebrado entre as irmãs e António Dias, carpinteiro, encarregue de fazer:

*O amadeiramento/ e forro do dormitório do dito mosteiro e portas / e janelas e sobradados e entressouhos e toda/ mais obra de dormitório / por preso de oitenta/ e cinco mil reis, juntamente com hua cozinha/ e outros bicos que fes a fora a empreitada<sup>69</sup>.*

Daqui para a frente as demais obras que se fazem serão pontuais e de pequenas dimensões não, de grandes empreitadas; no fundo, o convento estava erguido, cabia às sucessoras de Joana Correia mantê-lo, embelezá-lo e preservá-lo.

Do período compreendido entre finais do século XVI e inícios do XVIII não fica registado por nenhuma intervenção marcante. Voltamos a encontrar referências a obras já em 1707, pela priora de então, madre D. Paula Joana da Glória, que celebra contrato com *Francisco de Oliveira, pedreiro e mestre das fortificações da cidade*, para desmanchar o dormitório e construir um novo<sup>70</sup>. São ainda do tempo desta madre as intervenções *na cappella de Nossa Senhora do Rozario/ da igreja feitas com os espólios de algumas/ relligiozas defuntas e esmolas/ de pessoas particulares* e na tribuna da capela-mor ou no zimbório. Contudo, e apesar de não haver registo, percebemos que na igreja já existe o altar de Nossa Senhora do Rosário, certamente da confraria. Este altar encontramos-lo referido em 1854<sup>71</sup> como estando no lado da Epístola, junto ao de S. João Baptista, o que pressupõe, talvez por esta altura, a construção de mais um altar na igreja, passamos de 3 altares e um altar-mor na época de D. Joana Correia, para quatro altares (dois de cada lado) no priorado de D. Paula.

A centúria de Oitocentos terá sido devastadora para o cenóbio do Paraíso, ao que tudo indica parece ser um duro século de decadência e ruína, que culmina com a sua extinção, à morte da última freira. O terramoto de 1755 terá provocado alguns danos no edifício, que com a pouca esmola e rendas existentes não foi possível acudir de imediato. Se até à data era uma casa que vivia desafogadamente e sem dívidas, partir de Oitocentos o cenário inverte-se.



Segundo registos de correspondência, serão as obras levadas a cabo pela nova priora em 1813 para que o convento não entrasse em ruína:

*Este Mosteiro Conservou-se sem empenho, e com dinheiros em Cofre. Até o anno de 1813, / como se pode ver no Competente Livro do Reçibo. Porém como a caza do Coro, ame-eçasse [sic] huma gran- / de Ruína, para evitar esta, a Prelada que começou a governar em o mesmo anno de 1813 [ilegível] / na dura preçizão de fazer huma grande obra, não so de telhados, e paredes, que estavam a desfazer-se, / mas até se esforçou aguar-neçar o tecto, e as novas paredes de Excaiola<sup>72</sup>, com seus relevos, com / belas pinturas, com os seus dourados por entre meyo, e com magníficos Quadros, que Realção / de tal Sorte esta Obra, que he o Coro mais brilhante, q. tem Da Cidade. Abalançouse de- / pois a comprar duas Lampadas, huma Sacra, Varias Coroas, Resplendores, e alguns Calises, / e tudo de prata, de que resultou ficar o Mosteiro empenhado em 3:330\$200 como se pode / ver na Verba final do livro das suas contas (...)<sup>73</sup>.*

Da segunda metade de Oitocentos chegam mais notícias do estado em que se encontra o convento. Em 1859, sendo priora a madre Rita de Cássia, pede licença ao Arcebispo, que é aceite, para fazer:

*(...) obras no Convento, e que / caindo as Letrinhas, se mandou proceder a esta Obra / d'tanta necessidade, e bem Vei Vsça ex. q. há hum / objecto que carece concerto; há muitos anos, que estão a ruínas, porém, agora há que Deos quira / q'ellas Caisem, e mesmo porque ficou tudo muito / abalado com o terramoto, portanto: como se carese / de Licença, Eu apeço a Vsça ex. para a Continuação / da mesma Obra; e que por estarem muitas Cazes / pegadas com o mesmo Edifício, ainda áde ter demora este Concerto, a Sim espero, que Vsça ex. ança(?) ás min- / has justas rezões, pois são fundadas na verdade / e mesmo, para Comservação do mesmo Convento, / se precisa alguns comsertos (...)<sup>74</sup>.*

Mais tarde, e ainda que pontuais, são registadas várias empreitadas nos *Mapas gerais do Convento*<sup>75</sup>: em 1869 terão sido feitas melhorias na *Cappella da Senhora do Egipto*, que terão custado 10.000 reis, juntamente com obras na *Caza da Vellaria*, da *Cappella mór* e *Caza do lavor*; em 1870 mais se dá para o *conserto dos Anjos que estão no Throno*, e em 1878 existiram trabalhos na *Igreja e no Comvento do Paraizo desta cidade*.

A par das obras com pouco fundo de maneio, perde o convento muitas das propriedades que tinha; alegadamente por dívidas são vendidas as *cazas entre o seminário e o largo de S. Mamede*<sup>76</sup>, muitas das suas herdades e até mesmo casas na cidade.

Paralelamente a uma crise financeira parece instalar-se também uma crise em termos da comunidade religiosa. A insalubridade do sítio faz com que muitas religiosas peçam licença para ir a banhos<sup>77</sup>, ou simplesmente porque no local:

(...) não podem de modo algum/continuar a sua residência naquele convento, sem que lhes seja perturbada diariamente a paz de espírito, que tanto/lhe influence no físico pelas suas moléstias Chronicas. E querendo evitar estes choques pretendem mudar a sua residência<sup>78</sup>.

Em termos da mudança de residência, foi indicado o mosteiro de S. Bento de Cástris como destino, em 1836, o que não se concretizaria. Refere a *História de S. Domingos* que albergava o convento 76 religiosas, incluindo freiras do coro, noviças e leigas, isto em finais de Seiscentos<sup>79</sup>. Já Gabriel Pereira, quando visita<sup>80</sup> o convento salienta que é um dos que menos rendimentos tinha na cidade mas que era dos mais povoados, contando com 42 senhoras na altura.

O convento do Paraíso encerra definitivamente a 18 de Novembro de 1897, por morte da sua última professa soror Maria Isabel do Coração de Jesus. Na altura, viviam ainda no cenóbio algumas leigas e coristas que, por não terem outro abrigo, e a pedido do arcebispo D. Francisco da Mãe de Deus Anes de Carvalho, desocuparam o edifício mais tarde que o esperado. O seu valiosíssimo recheio foi dividindo entre o Arcebispo de Évora, a Academia Real de Belas Artes, o Museu e Biblioteca Pública de Évora; algum do espólio foi distribuído também, por algumas igrejas no arcebispado de Évora e o restante leiloado.

O complexo foi demolido em 1900 com o pretexto de se construir no seu local um hospital destinado aos doentes com peste bubónica, algo que nunca aconteceu.

## NOTAS

1 Para mais informações, consultar João Luís Inglês Fontes, “Em torno de uma experiência religiosa feminina: as mulheres da pobre vida de Évora”, in *Lusitania Sacra*, n.º 31, Janeiro-Junho 2015, p. 51-71; João Luís Inglês Fontes, “A pobre vida no feminino: o caso das Galvoas de Évora”, in Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda (coord.) *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*, Actas do Encontro, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 157-178.

2 Luís Urbano defende que a ideia da clausura recomendava que as mulheres se recolhessem na casa do pai, marido ou num convento, e era promovida por homens da classe dominante, numa tentativa de proteger a honra das famílias. Cf. Luís Urbano, “A propósito de Évora: Ideologia religiosa e arquitetura nos conventos femininos”, in *Revista Monumentos*, Lisboa, DGEMN, 2007, n.º 26, p.38.

3 BPE - *Fundo Convento do Carmo ou da Luz de Évora, Testamento de Beatriz Galvoa*, Livro 10. Doc. N.º 334, 1471.

4 O Padre Manuel Fialho em *Évora Ilustrada*, Tomo IV, fl.196, refere, acerca dos acontecimentos de 1499: “ (...) Como diz o ilustríssimo Lopes, o qual acrescenta/ que neste próprio estado de recolhidas tinham já vivido cem anos/ ou pouco menos. (...) ”.

5 BPE - *Fundo Convento do Carmo ou da Luz de Évora, Testamento de Beatriz Galvoa*, Livro 10. Doc. Nº 334, 1471.

6 Idem.

7 BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Espinheiro de Évora*, lv. 7, Doc. Nº 41, datado de 1438.

8 Ao contrário do avançado por Fr. Luís Cacegas, Gabriel Pereira ou Túlio Espanca, apenas Beatriz e Inês Galvoa eram irmãs; Beatriz de Elvas era sua companheira no pressuposto “recolhimento” anterior, e as casas foram-lhes oferecidas ainda em vida dos pais e por vontade dos mesmos. Informação comprovada pela escritura de doação dos pais das Galvoas, existente na Biblioteca Pública de Évora (BPE- Fundo Convento de Nossa Senhora do Espinheiro de Évora, lv. 7, Doc. Nº 41, datado de 4 de Abril de 1438). Cf. Fr. Luís Cacegas, *Terceira Parte da História de S. Domingos*, Vol. IV, 3ª edição, Lisboa, 1866, p. 72; Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses*, Évora, Edições Nazareth, 1947, Vol. III, p.145; Túlio Espanca, “O Convento de Nossa Senhora do Paraíso”, in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, Évora, (1ª Série), N.º 56, 1973, p.13.

9 BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Espinheiro de Évora*, lv. 7, Doc. 41, datado de 1438.

10 Fialho, *Manuel - Évora Ilustrada*, Tomo IV, Évora, fl.192.

11 BPE - *Fundo Convento do Carmo ou da Luz de Évora, Testamento de Beatriz Galvoa*, Livro 10. Doc. Nº 334, 1471.

12 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Livro 92, 1520-1886.

13 Ibidem, Doc. Nº 38.

14 São exemplo estas duas escrituras: *Em 1478 compraram as Isto he huma escritura de compra/ de huas cazas ou caza que esta no Mosteiro/ para a rua de Machede a qual em 1578 (errado é 1478)./ comprarao as Galvoas a Eloie Affonço e a sua molher Branca Afonço por preço de tres mil e quinhentos reis.* In BPE - *Fundo Convento do Paraíso de Évora*, Livro 92, doc.58. Ou: *Joanna Correa em o anno de 1527/ comprou a Catherina Alvarez huma morada / de casas ditas na Rua de Machede (...) pela vendedora cujas casas estão/ metidas no Mosteiro.* BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de*

Évora, *Documentos Vários*, Livro 92, Doc. Nº57, 1520-1886.

15 Mecia ou Mycia, Martins ou Dias, o nome da madre encontra-se escrito destas duas maneiras, sabemos tratar-se de uma só pessoa uma vez que as datas são coincidentes.

16 Padre Francisco da Fonseca, *Évora Gloriosa*, Roma, 1728.

17 Quando passam à Terceira Ordem de S. Domingos, Joana Correia encarrega-se de “ir buscar” ao Convento de Santa Clara a soror Catarina Serrão, já com alguma idade, para ser a porteira do Convento do Paraíso.

18 “*Ermida. Igreja pequena, que não tem jurisdição parochial*”, in Raphael Bluteau, *Vocabulário Portuguez e Latino*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, vol. III, p. 189.

19 P. Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*, Tomo IV, fol. 192v.

20 BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro dos legados pios feitos ao mosteiro*, Livro 14, 1828, fl. 15v.

21 Idem.

22 Idem.

23 Sobre esta temática cf. Fernando Grilo, D. *Álvaro da Costa e Nicolau Chanterene. Virtú e memória na escultura tumular do Renascimento em Portugal*. [em linha]. [Acedido em 17 de Novembro de 2017]. Disponível na internet em: [https://www.academia.edu/6919363/D. %C3%81lvaro da Costa e Nicolau Chanterene. Virt%C3%BA e mem%C3%B3ria na escultura tumular do Renascimento em Portugal](https://www.academia.edu/6919363/D._%C3%81lvaro_da_Costa_e_Nicolau_Chanterene._Virt%C3%BA_e_mem%C3%B3ria_na_escultura_tumular_do_Renascimento_em_Portugal).

24 “*O nome dado ao Convento, segundo diversos testemunhos, está relacionado com a imagem de Nossa Senhora do Paraíso, oferecida por Isabel Afonso às recolhidas em escritura de pública de 18 de Julho de 1474. Refere o Padre Manuel Fialho que a imagem esteve sempre e costuma estar e está esta sacrasíssima imagem da May de deos, a Senhora do Paraíso lá no choro de sima em hum altar sobre as grades, com seu retabolo no vaam de um arco. Agora de novo no proprio lugar se lhe consertou e enfeitou hum como tribuna per modo de oratorio feito tudo de talha muito perfeita e bem acabada ao uzo modeno, sendo do antigo Mosaico), e esta muito melhor dourado tudo a da tribuna. Tem esta tribuna, ou oratorio ou ceo quasi duas varas de altura, e remata aos pees de hum santo crucifixo que esta em sima do arco e do tamanho do que está na Igreja e no arco da capela môr. De largura terá o nicho ou oratorio quasi vara e meia; e de fundo quasi meia vara*”. P. Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*, Tomo IV, fls. 202v e 203.

25 Fr. Luís Cacegas, *Terceira Parte da Historia de S. Domingos*, Lisboa, Typ. do Panamá, 1866, 3ª Edição, vol. IV, p. 77.

26 Provavelmente logo no ano de 1499 ou no ano seguinte.

27 BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro dos legados pios feitos ao mosteiro*, Livro 14, 1828, fol.15v.

28 Quanto à data de passagem à Observância da Primeira Ordem de S. Domingos surgem algumas contradições. Isto porque a Breve Apostólico, assinado pelo Papa Leão X, pelo qual o convento passa à Observância tem a data de 13 de Setembro de 1516, embora Frei Jorge Vogado só tenha assinado a Provação, enquanto Provincial, no ano seguinte, e as madres só terão feito a Profissão em 27 de Junho de 1518.

29 Cf. Anexo 1. Segundo o Padre Francisco da Fonseca em *Évora Gloriosa*, às propriedades de André de França Moniz pertencia a torrinha redonda e piramidal, que faria parte da estrutura da igreja até à sua demolição.

30 BPE - *Fundo Convento do Paraíso: Dos legados deste Convento de N. Sra do Paraizo de Evora*, Livro 14, 1828, fl. 3.

31 P. Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*, Tomo IV, fol. 207.

32 *Item no capitulo e choro gastou a casa LX (mil) reis/Item de se fazerem os portais de pedra [sic] ho/ do choro e capitulo que vam pera a igreja/ e a fresta das profissões [ilegível] VI (mil) reis.* In BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII, fl. 132.

33 ADE - *Fundo Câmara Eclesiástica de Évora, Lista do dinheiro da Botica; Descrição dos espaços e inventário dos bens do refeitório, da cozinha, da amassaria, das casas dos prelados; Lista de ornamentos.* SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, doc. N°0084, 1854.

34 (...) *Fez assim Capella mor hon-/de agora está com huma Sacristia piquenina na parte honde agora está a Se-/pultura de D. Alvaro da Costa.* BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro dos legados pios feitos ao mosteiro*, Livro 14, 1828, fl.15.

35 A capela-mor é atribuída a Álvaro da Costa como jazigo da família, para a sua sepultura terá o próprio escolhido o lado do evangelho da mesma, local nobre. Contudo, os seus filhos morrem primeiro e tomam este lado da capela - D. Duarte, D. Rodrigo e D. João. Álvaro da Costa manda, então construir no lado oposto o seu túmulo, pensa-se que o terá feiro em 1535 e que terá falecido um ano depois, tendo em conta as datas gravadas no mesmo.

36 Ou do Senhor Morto se preferirmos, e como veremos mais adiante, esta capela será

escolhida para sepultura de Ruy de Grã.

37 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII, fl. 97v.

38 Padre Francisco da Fonseca, *Évora Gloriosa*. Roma, 1728. BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários (SR)*, Livro 76, 1519-1868, Doc.1.

39 Todos estes altares irão sofrer alterações, somente o da capela-mor chegou à época de demolição com a respetiva invocação.

40 BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro dos legados pios feitos ao mosteiro*, Livro 14, 1828, fl.16.

41 A localização deste coro de baixo é para nós uma incerteza, as descrições das Memórias não nos permitem identificar o local com clareza.

42 Túlio Espanca, “O Convento de Nossa Senhora do Paraíso” in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, Évora, Câmara Municipal de Évora (1ª Série), N.º 56, 1973, p.18.

43 *Ruy de Grã chamcherel mor/ que santa gloria aja se fez a sua custa como/ elle deixou que se fizesse e toda juntamente/ como esta com ho sepulcro de noso senhor* In BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII, fl.125.

44 Idem, fl.102v.

45 Ibidem, Livro 14, fl.9.

46 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Pasta 96 B, 1823-1916, fl. 1108.

47 De lembrar que nos espaços conventuais a Igreja, o Claustro e a Casa do Capitulo são divisões fundamentais.

48 É curioso que, aparentemente, todas as ligações ao convento se faziam pela rua Mendonça Esteves, até mesmo nas fotografias à época de extinção parece não existir grandes janelões para a rua de Machede; algo que se pode justificar com o desnivelamento das ruas superiores, que estavam níveis acima da rua do convento e poderia permitir aos habitantes de ruas como a do Conde da Tourega terem a visualização do que se passava no interior da claustra.

49 Para mais informações sobre a imagem consultar a obra *Évora Gloriosa* do Padre

Francisco da Fonseca, impresso em 1728, ou Joaquim Oliveira Caetano, in *Memória e Esplendor: Arte Sacra na Arquidiocese de Évora*, Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2014, p.26.

50 P. Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*, Tomo IV, fl.202v.

51 Existem ainda referências a outros espaços para livros no convento, apesar das restrições impostas por Beatriz Galvoa ao acesso aos livros no seu testamento.

52 Não sabemos se a construção da enfermaria se deve a Joana Correia, se não foi em tempos desta priora com certeza o foi com a sua sucessora. Isto porque com base na *História de São Domingos* e na *Évora Ilustrada*, se faz menção em que nesta divisória *com capella foi construída quando entrou no convento uma donzela de posses*, e de todas as religiosas Joana Correia e Margarida de Grã foram aquelas que mais “desafogadamente” viviam; para além disso, já em 1581 se comemorava o dia de Nossa Senhora do Rosário junto da imagem, portanto a construção da enfermaria havia sido anterior: “*Entrou huma Priora com animo, e possibilidade de fazer obras: o ordenando humma muito importante, que foi casa de enfermaria com sua Capella para se celebrar n’ella, quando o pedisse a necessidade, mandou pôr no altar a imagem, que fora da Madre Soror Maria, com titulo do Santo Rosario, e tratou com as Madres, que lhe ordenassem Confraria com todos os requisitos de Mordomas, e mais olliciaes, e a seu tempo lhe fizessem sua festa*”. Fr. Luís Cácegas, *Terceira Parte da Historia de S. Domingos*. Lisboa, Typ. do Panamá, 3ª Edição, vol. IV, 1866, p. 77.

53 Cf. Anexo 2.

54 BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Pasta 96 B, 1823-1916, fl. 1108.

55 Não é à toa que encontramos no Inventário feito à data de extinção um tão avolumado número de paramentos bordados.

56 Não o fazemos em profundidade pois a maioria dos elementos renascentistas encontram-se estudados pelo Dr. Francisco Bilou e para tal se deve consultar A empreitada renascentista do Paraíso, em Évora (1532-1537). O nosso objetivo consiste em traçar uma evolução dos espaços no convento, o crescimento e composição do edifício em si.

57 Sempre foi referido que seriam três colunas, contudo no Museu de Évora conserva-se um capitel igual ao das restantes colunas, o que pressupõe a existência de uma quarta.

58 Túlio Espanca, “O Convento de Nossa Senhora do Paraíso” in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, Évora: Câmara Municipal de Évora (1ª Série) n.º 56, 1973.

59 Margarida de Grã era filha de Ruy de Grã e de Inês Correia, a sobrinha que Joana Correia havia pedido ao seu cunhado para educar quando o convento recebeu a Terceira Regra, e que na altura era ainda criança. Contudo, entram depois para o convento as suas duas irmãs, das quais pouco se conhece.

60 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII, fl. 109v.

61 Ibidem, fl. 114v.

62 Ibidem, fl.123v.

63 Para além disso Álvaro da Costa faleceu em 1536, e dificilmente dois anos depois ainda continuava a pagar obras, por mais elevada que a sua esmola fosse; aliás se tivesse Álvaro da Costa já falecido à época das mencionadas obras por certo existia referência a tal.

64 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII, fl.136.

65 Por esta altura dá o altar de Nossa Senhora da Assunção, no lado do evangelho, lugar ao de S. João Baptista, que por sua vez em 1854 já nos surge no lado oposto da igreja.

66 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII, fl. 125.

67 ADE - *Livro VI dos Originais do Cartório da Câmara de Évora. Agoa da Prata para o convento do Paraíso de Évora*. Samoel da Costa, 1555, Livro 76, fl. 436. Cf. Anexo 4.

68 Ibidem, fol. 34.

69 ADE- *Notariais de Évora*, tab. Baltazar d' Andrade, nº. 254, 1584., fls. 57 a 60.

70 ADE - *Notariais. Contrato sobre a factura de huma obra que fazem as religiosas do convento do Paraíso desta cidade com Francisco de Oliveira*. André Vidigal da Silva, livro 1004, fls. 179 a 180. Cf. Anexo 5

71 A última descrição do convento encontrada até ao momento, sem contar com a do Inventário de extinção, data de 1854 e faz referência a três pavimentos e à igreja - cf. Anexo 6.

72 Técnica semelhante ao estuque.

73 ADE- *Fundo Câmara Eclesiástica, Descrição do estado das finanças do Mosteiro do Paraíso*, SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, caixa 10, doc. Nº 0093, 1813.



74 Ibidem, doc. 0094.

75 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livros de Receita e Despesa*, Pasta 91, séc. XVIII -1897, fls.183 a 193.

76 BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Livro 94, Doc. Nº 562, datado de 1854.

77 ADE- *Fundo Câmara Eclesiástica, Descrição do estado das finanças do Mosteiro do Paraíso*, SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, caixa 10, Doc. Nº 0076.

78 Ibidem, Doc. Nº 105.

79 *O Mosteiro não tem grande renda. Comtudo sustentava setenta e seis Religiosas, entre Freiras do Coro, Noviças, e Leigas, quando isto escreviamos*. Fr. Luís Cácegas, *Terceira Parte da Historia de S. Domingos*, Lisboa, Typ. do Panamá, 3ª Edição, vol. IV, 1866, p. 90.

80 O historiador não salienta a data em que esteve no convento, presume-se tendo em conta o seu perfil profissional, que tenha sido entre 1870-1880, antes de iniciar funções em Lisboa.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

Bluteau, Raphael. (1712-1728) *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico* Raphael. ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 8 v.

Cácegas. Fr. Luís. (1866). *Terceira Parte da Historia de S. Domingos*. Lisboa, Typ. do Panamá, 3ª Edição, vol. IV.

Fialho, P. Manuel. *Évora Ilustrada*, CXXX/1-11, Tomo IV (ms.).

Fonseca, P. Francisco da. (1728). *Évora Gloriosa*. Roma: Officina Komarekiana.

Resende, André de. (1781). *História da Antiguidade da Cidade de Évora*. Lisboa, 3.ª ed.

Arquivo Distrital de Évora [ADE]:

ADE - *Fundo Câmara Eclesiástica de Évora, Lista do dinheiro da Botica; Descrição dos espaços e inventário dos bens do refeitório, da cozinha, da amassaria, das casas dos prelados; Lista de ornamentos*. SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, doc. Nº0084, 1854.

ADE - *Fundo Câmara Eclesiástica de Évora, Rellação das Alfaias e outras preciosidades que existem no Convento do Paraizo, e do dominio, e uso da sua comunidade.* SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, doc. N° 0087, 1845.

ADE - *Fundo Câmara Eclesiástica, Descrição do estado das finanças do Mosteiro do Paraíso.* SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, caixa 10, doc. N° 0093, 1813.

ADE - *Fundo Câmara Eclesiástica, Correspondência.* SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, caixa 10, doc. N° 0094, 1859.

ADE - *Fundo Câmara Eclesiástica, Cx. 27: Relação dos Painéis que há nos Conventos de Religiosas da Cidade de Évora, 1847*

ADE - *Notariais de Évora*, tab. Baltazar d' Andrade, n°. 254, 1584., fols 57 a 58v.

ADE - *Notariais de Évora*, tab. Baltazar d' Andrade, n°. 254, 1584., fols 59 a 60.

Biblioteca Pública de Évora [BPE]:

BPE - *Fundo Convento do Carmo ou da Luz de Évora, Testamento de Beatriz Galvoa*, Livro 10. doc. n° 334, 1471.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora Espinheiro de Évora*, Livro 7, 1438.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Mapas Gerais de Contas (SR)*, Arm. X, cód.5 n°13 (1736)

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo*, Livro 1, séc. XVI - XVII.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Fazenda*, Livro 2, 1685.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Pagamentos (SR)*, Livro 9, 1783-1866.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro dos legados pios feitos ao mosteiro*, Livro 14, 1828.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Obrigações de Missas (SR)*, Livro 15, 1729-1894.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Receita e Despesa do Azeite*, Livro 46, 1738-1873.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Registo de Correspondência (SR)*, Livro 75, 1780-1829.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários (SR)*, Livro 76, 1519-1868.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários (SR)*, Livro 77, 1498-1888.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Receita do Azeite*, Livro 78, 1788-1879.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários (SR)*, Livro 86, 1369-1919.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livros de Receita e Despesa*, Pasta 91, séc. XVIII -1897.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Livro 92, 1520-1886.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Livro 94, 1457-1854.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Pasta 96 A, 1525-1889.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Documentos Vários*, Pasta 96 B, 1823-1916.

BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Recibos (SR)*, Livro 97, 1888-1898.

BPE - *Fundo Manizola, Missal de Altar* Cód.115, 1481.

## Estudos

Almeida, Carmen. (2007). - *Évora desaparecida* (cat.). Évora: Câmara Municipal de Évora.

Beirante, Maria Ângela. (s.d.). *Évora na Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Junta Nacional de Investigação Científica e ecnológica.

Bilou, Francisco. (s.d.). *A empreitada renascentista do Paraíso, em Évora (1532-1537)*.

*Novos dados documentais e interpretativos.*

Caetano, Joaquim Oliveira. (2014). *Virgem do Paraíso. Memória e Esplendor: Arte Sacra na Arquidiocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

Fontes, João Luís Inglês. (2005). A pobre vida no feminino: o caso das Galvoas de Évora. *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval - Actas do Encontro*, Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda (coord.). Lisboa: Edições Colibri.

Idem. (2015). Em torno de uma experiência religiosa feminina: as mulheres da pobre vida de Évora. *Lusitania Sacra*. N.º 31, Janeiro-Junho.

Mendeiros, Cónego J. Filipe. (1952). O convento e a Virgem do Paraíso. *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, (1ª Série), nº 29.

Espanca, Túlio. (1973). O Convento de Nossa Senhora do Paraíso. *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora: Câmara Municipal de Évora, (1ª Série), n.º 56.

Lousa, Maria Teresa Viana. (2013). *Francisco de Holanda e a Ascensão do Pintor*. Tese de Doutoramento em Belas Artes orientada pelo professor Doutor José Fernandes Pereira, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.

Mattoso, José (dir.). (2011). *História da vida privada em Portugal: a idade moderna*. Lisboa: Circulo de Leitores e Temas e debates.

Pereira, Gabriel. (1947). *Estudos Eborenses*. Évora: Edições Nazareth.

Idem. (1998). *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Urbano, Luís. (2007). A propósito de Évora: Ideologia religiosa e arquitectura nos conventos femininos. *Revista Monumentos*. Lisboa: DGEMN.

Varela, José Stichini. (1982). Francisco de Holanda - Vida, pensamento e Obra. *Biblioteca Breve*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, vol.62. 1ª ed.

## Anexos

### 1. BPE - *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo, Livro 1, séc. XVI - XVII, fol.136.*

*“Na Era de I bc XXVIII depois das obras/ atrás escritas serem acabadas por a casa ser/ ainda muyto grande e estreita necessidade/ assy polla honestidade como polla necessidade/ que tinha das casas que forom de Andre de França/ e de Lianor Correa sua molher que estavam/ místicas com ho moesteiro e tanto que nam se / falava cousa dentro do moesteiro que la nam/ ouvissem e assy dentro ouviam também ho que la/ falavam nas suas casas e por esta causa/ eram tam sugeitas as madres que nam ousavam de/ falar porque sempre alluganam estas casas/ a gente cortezã e também faziam prejuízo a/ portaria pollo ajuntamente que a gente fazia aa/ porta da portaria que estava junto da sua/ he por estas causas e grande necessidade/ a prioressa trabalhou sempre pollas aver/ e fez tanto por isso que os trabalhos e tormentos/ que sobre isso levou nam se pode crer nem escrever/ e chegandosse ho tempo nam estando el Rey na/ cidade querendo noso senhor fazer esta esmolla/ a casa ordenou que as ouvesse he na que este / tempo se concertou a prioressa com a dona das/ casas com partido de lhe deixar comer dez/ moyos em huma erança da casa atte lhes/ poder pagar quatrocentos e cinquenta mil reis/ que ella pidiu pollas suas e as da sua filha/ e assy aas ouve a casa polla misericórdia de Deos. “*

### 2. BPE- *Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro dos legados pios feitos ao mosteiro, Livro 14, 1828, fol 16.*

*“Quando a Prioressa Joanna Correa, quis mais alargar a Caza para observan-/cia acrescentou o dormitório com sua portinha para o Côro que tinha feito e debaxo deste Dor-/mitorio ficou huma Caza de Theares onde agora he a Capella de S. Jorge e o despejo da sacris-/tia, e mais huma amaçaria onde agora hé a Sacristia dos Ornamentos, em sima huma/ caza de Noviças. Junto com o Dormitorio he huma Caza de Officios, junto della he huma/ Emfermaria, junto com esta Caza dos Officios e debaxo das Cazas das Noviças ficava/ huma Caza pequena que a Madre Prioressa tinha fechada de sua mão; e debaxo da Caza dos Officios, ficava a Procuração com hum atalho onde dormião as servidoras e debaixo/ da Emfermaria ficava o Refeitorio, a e Crasta [sic] com sua varandas hia longo de todas/ estas Officinas e fenecia a Crasta onde agora esta a porta do Refeitorio, e nesse lugar es-/tava a cozinha e por ella tinha serventia para hum quintal pequeno com duas va-/randas, onde estava a porta do Celeiro, e outra porta, para outra Caza onde depois muda-/rão a amassaria. E assim outra Caza que tão bem servia de Officios, para onde se mudarão/os Theares com huma porta para hum Quintal de Galinhas. Sobre todas estas Cazas/estava huma Caza grande sobradada de Officios com duas portas para humas Ca-/maras velhas, que tao bem servião de despejos dos Officios, e nesta parte estavam as nece-/sarias. “*

**3. BPE - Fundo Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, Livro de Tombo, Livro 1, séc. XVI - XVII, fls 132, 132v e 133.**

*“Item ha obra da ygreja custou duzentos mil reis os/ qaes pagou dom Alvaro da Costa polla ligi/tima de sua filha dona Maria segundo estava/ concertado como já escrito he no começo do livro/*

*Item do arco da capela moor a casa ho fez a sua custa XI(mil) llllc /*

*Item do portal da igreja por ser de pedra/ e melhor feyto pagou mais dom Alvaro/ da Costa além dos duzentos mil reis/ que dera pera a igreja VII (mil) reis/*

*Item mais ho retablo e vidraças e tudo/ ho mais que se fez mandou fazer dom/ Alvaro da Costa a sua custa/*

*Item no capitulo e choro gastou a casa LX (mil) reis/*

*Item de se fazerem os portais de pedra [sic] ho/ do choro e capitulo que vam pera a igreja/ e a fresta das profissões [ilegível] VI (mil) reis/*

*Item do feytio da janella grande que esta/ na empena do choro e da sua/ vidraça que nella esta e dos espelhos/ do choro pagou a casa XII (mil) reis/*

*Item de mandarem portaes e do tigoillo da/ obra que se fez debaixo das cadeiras/ e de cortarem os arquos em pidreira/ e da parede que se desmanchou e dos altares/ que se fizerom nas capellas do capitulo X (mil) reis/ /*

*Item de hum retablo e das grades da capela/ do sepulcro e de portas scilicet as da igreja/ e do capitulo e de humas estantes scilicet do/ choro e outras e do lanço dos almarios da vistoria e de hum leito cerrado/ da emfermaria e doutro também da/ enfermaria e doutras cousinhas/ miúdas..... XXXII (mil) reis/*

*Item mais em começo de paguo da/ carpintaria do dormitório.....XXX (mil) reis/*

*Item mais em começo de paguo do forramento/ do dormitório....XXX (mil) reis/*

*Item mais pollo forramento do refeitório/ e da sancristia e da casa d'agoa/ pagos na Era de I(mil) bc XXXb.....LX (mil) reis/*

*Item mais da carpintaria de cyma e/ debaixo da primeira empreitada..... C (mil) reis/*

*Item mais do que mais mandey acrecentar/ nesta mesma obra/ pagas na Era de I(mil) bc XXXb .....XXX (mil) reis/*

*Item do forramento do dormitório em/ acabamento de paguo de lcXX (mil) reis/ que era de empreitada/ pagas na Era de l(mil) bc XXXbl .....LR (mil) reis/ /*

*Item mais obra que se acrescentou no forramento do/ dormitório.....XXX (mil) reis*

*Item de mais casas que se fizeram além/ da obrigação da obras.....X (mil) reis/*

*Item da obra que se fez no refeitório scilicet/ de mesas e forramento e púlpito/ e na livraria do refeitório..... L (mil) reis/*

*Item dos leytos do dormitório e de/ portas e janelas com suas fe/chaduras e doutras cousas muitas/ que se mais fizeram nesta mesma obra..... C (mil) reis/*

*Item mais do forramento da varanda/ dante ho choro e das quatro/ grades das capellinhas/*

*Soma desta despeza atraz/ escrita de carpinteria e forra/mentos.... bcLXXXIII (mil) reis*

*Item destas despezas desta obra deu/ dom Alvaro da Costa llc mil reis pera ajuda della.....CC(mil) reis/*

*Item deu mais pera fazerem a varanda/ nova da crasta .....XII (mil) reis/*

*Item deu mais para a juda da outra/ dante ho capitulo.....II (mil) reis/*

*Todo ho mais se gastou da casa e veol/ da misericordia de Deos que ho der/ d'esmolla”*

#### **4. ADE - Livro VI dos Originais do Cartório da Câmara de Évora. Agoa da Prata para o convento do Paraíso de Évora. Samoel da Costa, 1555, Livro 76, fl. 436.**

*Agoa da Prata para o convento do Paraíso de Évora*

*Juiz vareadores e procurador da cidade d'Evora eu el Rey/ vos envio muito saudar avendo respeito aa necessidade/ que a prioresa e freiras do moesteiro de nosa senhora do/ Paraíso dessa cidade tem da agoa e querendo lhes fazer/ graça e mercê por esmola ey por bem e me praz que do canno/ da agoa da prata se lhe dee aquella cantidade d'agoa/ que couber por huum buraco redondo tamanho como este/ que nesta carta vay figurado que he huum circullo bramquo/ metido em huum quadrado preto/*

*E far-se-há huum cano de metal de comprimento de tres pal/mos que tenha o vao do b*  
[Atraia a atenção do seu leitor colocando uma boa citação no documento ou utilize este espaço para enfatizar um ponto chave. Para colocar esta caixa de texto noutra local da página, arraste-a.]

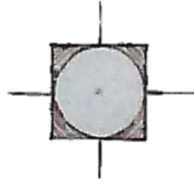


Fig. 3 Desenho do cano do Aqueduto, feito na carta enviada por El Rei

*uraco tamanho como o dito/ circullo o quall buraco se fara no dito canno todo de hum/ tamanho igualmente de huma parte aa outra e assentar-se-há/ ao olivel de maneira que não posa emtrar mais agoa pollo/ dito canno pera ir ao dito moesteiro da que couber polla vao/ delle emtramdo ao olivel E para que em todo tempo/ se posa visitar e ver se estaa o dito buraco conforme ao/ sinal e çircullo desta carta e se posa tapar e des-tapar/ quando for necesário se fara a huma arca omde a dita agoa/ emtrar ao canno do moesteiro com sua porta e fechadura/ e a chave della se entreguaraa a quem tiver encarego do canno/ gramde da agoa da prata e da dita arca pera o moesteiro/ iraa aas ruas e vizinhos dellas e a dita agoa se lhe/ daraa comtinuamente asy de dia como de noite emquamto/ ouver se ouver por bem e não mandar o contrario e vos ditos juiz/ vereadores e procurador que ora soes e ao diamte fordes/ tereis cuidado de visitar cad'ano a dita agoa e provereis/ nisso de maneira que nam vaa ao dito moesteiro mais cantidade/ della da que lhe mando dar por esta minha carta a qual se/ poeraa no cartoreo da câmara em toda boa guarda e se re/gistara no livro della e a dita prioresa e freiras/ dareis o trelado assinado per vos pera o terem pera sua/ guarda Jorge da Costa a fez em Lixboa a tres dias de/ Outubro de mil e quinhentos cimquenta e cimquo/*

*Selamoel da Costa a fez escrepver*

(Assinado) Rey

Mandado d'Évora sobre a agoa de que V A faz esmola do cano da agoa da prata/ a prioresa e freiras do moesteiro de nosa Senhora do Paraíso da dita cidade/

**5. ADE - Notariais. Contrato sobre a factura de huma obra que fasem as reli/giosas do convento do Paraíso desta cidade com Francisco de Oliveira. André Vidigal da Silva, Livro 1004, fls. 179 a 180.**

[fl.172]

Contrato sobre a factura de huma obra que fasem as reli/giosas do convento do Paraíso desta cidade com Francisco de Oliveira/

Saibam quantos este publico instromento de contrato de factura de hua obra e obrigação cum/primento da mesma virem que no anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil/ settecentos e sette annos aos quinze dias do mês de março *do dito anno* nesta cidade d'Evo/ra em a comunidade de nossa senhora do Paraíso que he da regra e observância do glorioso patriar/cha São Domingos donde eu tabaliao ao diante nomeado fui sendo ahi presente/ no lucutorio do dito convento das grades adentro juntas e chamadas per tom e campa/ tangida conforme seu religioso uso e costume para satisfuzam ao caso



seguinte a reverenda/ madre soror Paulla Joana da Gloria prioressa do dito convento e as mais reverendas dis/cretas do mesmo no fim deste instrumento assignadas e bem assim sendo mais pre/zentes das grades a fora os reverendos padres Frei Manoel de São Domingos ..... do dito convento e Frei Diogo// [fl.172v] da Visitação capellao e procurador geral do mesmo e Francisco de Oliveira official de pe/dreiro e mestre das obras da fortificaçõins desta cidade pessoas reconhecidas de mim tabeliam/ e logo pellas reverendas religiosas e ditos reverendos padres foi dito em minha pre/sensa e das testemunhas adiante nomeadas e assignadas que ellas estavao havi/das e contratadas como logo com effeito por este publico instrumento se havião e contra/tarao com o dito Francisco de Oliveira para haver de lhes fazer hum dormitório em o dito seu convento/ pella forma e maneira seguinte abarca de parede guarnecida pondo elle dito mes/tre tudo per sua conta pello preso de quatro mil e quinhentos reis e esta seja/ medida per pessoa que bem o entenda e tenha verdadeira esperiencia destas medico/ins e pella barça de telhado dando ellas dittas reverendas religiosas a telha velha/ que se tirar do dormitório pondo o mais que faltar elle dito mestre mil e quinhentos reis com obrigação de elle mestre desmanchar o tal dormitório per sua conta e pela/ barça de tabique digo de ladrilho rosado dois mil e trezentos reis e pello palmo / de lançil tudo por conta delle dito mestre cento e quarenta reis e pela barça de si/malha tudo por conta do mesmo mestre dois mil e sincoenta reis e a dita/ obra sera feita toda de pedra e cal e feita e acabada com toda a seguransa/ the o fim do mês de outubro este presente anno de mil e setecentos e sette/ entregando logo ellas ditas reverendas religiosas e ditos reverendos padres a el/le dito mestre antes de principiar na ditta obra duzentos mill reis e dinheiro de conta/do com obrigasao de darem pello tempo en diante da ditta obra o mais dinheiro que/ for necessário para a mesma sendo primeiro esta avaliada por dois louvados de huma/ e outra parte para se ver o merecimento da ditta obra o que esta vencido nella e o seu *ris/peito* se entregar o *dinheiro* que for necessário e sua avaliação permitir o que assim se o/brigavam realmente comprir e guardar sob obrigação dos bens e rendas do dito seu convento/ que para elle em geral obrigarão entregando logo com o com e feita per este publico ins/tromento ao assignar e outorgar do mesmo derao contarão e entregarão perante/ mim taballião e ditas testemunhas os dittos duzentos mil reis todos em dinheiro de/ contado moedas correntes neste reino de Purtugal em mãos e poder delle dito/ mestre Francisco de Oliveira que os tomou contou e recebeo todo na forma sobredita/ e depois de bem contados e recebidos dise e confessou estar ahi toda a dita quan/tia dos dittos duzentos mil reis e inteiramente sem falta nem demenuisãõ/ alguma e delles se dava realmente por entregue e satisfeito disendo que recebera/ per conta da dita obra que era verdade e nella passava haver aseitado com as dittas/ reverendas e dellos digo reverendas religiosas e dellos reverendos padres para lhe fazer tudo na for/ma que declarado era sem repugnansia alguma sendo tudo a vista delle dito/ mestre e somente dando-lhe ellas dittas reverendas religiosas a telha velha do dormitório/ que elle desmanchara per sua conta e comsentindo e sendo comtente que//[fl.173] sendo necessário algum dinheiro acabados os dittos duzentos mil reis para que a ditta obra/ se

continuasse esta se avaliasse na forma que declarado e nesta forma/ se obrigava a dar a dita obra finda e acabada sem *macula* alguma lhe o fim do dito mês de Outubro tudo sobrigação de sua pessoa e todos seus bens moveins e de raiz accoins e perten/coins havidos e por haver que para ello em geral obrigou e que por mais verdadeira seguransa e real/satisfasao de tudo disse elle dito Francisco de Oliveira dava per seu fiador a Pedro Raposo offi/cial de ourives em esta cidade e pello dito Pedro Raposo que presente estava foi dito em/ digo estava pessoa reconhecida de mim taballião foi dito em minha presença e das di/ttas testemunhas que elle de sua própria e livre vontade sem força nem constran/gimento de pessoa alguma ficava per fiador do dito Francisco de Oliveira pello verdadeiro cmpri/mento de todo este instrumento faltando elle a inteira satisfassao delle tudo sobobri/gação de sua pessoa e todos seus bens moveins e de rais accoins e pertencoins ha/vidos e por haver que pera ello em geral obrigou e de per todo o contheudo nesse ins/tromento ou qualquer parte delle responderem e serem citados assim elle dito mestre/ como seu fiador se comprir e for necessário perante o juis de fora do geral desta/ cidade ou corregedor della que hora são e os que ao diante forem e servirem per/ suas cartas precatórias citatórias e sem ellas e perante qualquer delle fase/rem de sitado o comprimento de direito e justiça e inteiro pagamento de principal cus/tas renunciando logo de si pera isto haver efeito o juis e juises de seus foros das ter/ras ou domicilios domde ao tal tempo viverem ou estiverem e todos os mais/ privilégios grassas e liberdades leis e ordenaçoins resoins e excepçoins e todo/ outro qualquer remédio de direito ordinário e extraordinário que para asi alegar/ possam e aly de direito que dis que a geral renunciação não valha e os des dias de embar/gos que se dao aos demandados per escripturas publicas e os nove de doensa e ano/jado e as férias gerais especiais per que de nada querem usar nem gozar antes/ tudo comprirem e guardarem e de não alegarem embargos alguns de qual/quer calidade ou condição que que sejam com que queirao anular contradizer ou impugnar/ este instramento em parte ou em todo *vendo* como lloguo alegando alguma *couza*/ não querem ser ouvidos em juízo nem fora delle nem admitidos a requerimento/ algum sem primeiro depositarem tudo o que per bem deste instramento constar elle dito mes/ tre estar devendo pella justiça lhe for demandado tudo em dinheiro de comtado em ma/ os e poder do procurador do dito concelho sem pera isso lha pedirem nem necessário se dar fian/ça causao ou abonação alguma per que de agora para então o hao per seguro e ...../do e fiel depositário e emquanto não fizessem o dito deposito lhes seja denegada toda/ audiência resao acção e requerimento que em juizo e fora delles quizerem fazer e com/vocasao da execução serão ouvidos sem primeiro faserem o dito deposito a qual clauzu/la depositaria e ley dellos mostra seu fiador pedirao a mim taballiao que aqui lha/ [fl.73v]pos e escreveu per ma pedirem e tanto quanto em direito possa e devo na forma da pro/visão de sua Magestade sobre os dellos depósitos e de responder e ser citado em nome da/ qualquer delles que demandado for se comprir o ..... da câmara desta cidade/ assim para a primeira instancia da acção com para a da venda pregoins e arematasao/ de seus bens sem em tempo algum poderem alegar ignorância nem defeitto da/ citasao por-

que de agora para então o fazem seu procurador em cauza propria ire/vogável a de pagar aos requerente caminheiro que na tal execução andar/ assim nesta cidade como fora della a duzentos reis per dia que se contarão de dia/ da própria acção posta the de tudo ser finda e acabada real entrega da principal e/ custas e em fee e testemunho de verdade assim a outorgarao e dello manda/rao ser feito este instrumento e os que desta nota e theor comprirem e necessário fa/zem que todo lhe foi lido e declarado per mim taballiao como nelle se conthem/ que aseitarao e eu taballiao em nome dos abzentes a que esto comvem convir/ tocar e pertenser pode estepolei e aseitei sendo presentes testemunhas Pedro Ri/beiro criado de Custodio de Villa Lobos morador nesta cidade e Francisco Frois criado do padre Phe/lipe Rozado bacharel da See desta mesma pessoas reconhecidas de mim taballiam/ que todos aqui asignarao E eu Andre Vidigal da Silva taballiao de nottas que o escrevi/

(assinado) Fr. Manoel de São Domingos Soror Paulla Joanna da Gloria/ Soror Maria Joze-pha do Sacramento Soror Maria do Dezerto/ Soror Anna de São Domingos Frei Diogo da Vizitação (procurador) Soror Izabel Maria de São Joseph Pedro Rapozo Francisco de Oliveira

De Pedro Ribeiro de Francisco Frois

**6. ADE. Fundo Câmara Eclesiástica de Évora, Lista do dinheiro da Botica; Descrição dos espaços e inventário dos bens do refeitório, da cozinha, da amassaria, das casas dos prelados; Lista de ornamentos. SSC: K/H Évora. SR:008- Paraíso, doc. N°0084, 1854.**

*“1º Pavimento térreo: Casa do Refeitório - com 2 Casas q ser-/vem de despejo, 1 Casa de Capitulo/com 6 columnas de pedra e mármo-/re. Capela do S. dos Passos, Sa-/christia 5 Casas - Cozinha e outra ca-/sa de despejo - 1 Casa de Vistiaría - 5 Casas de despejo, 1 Casa grande com 5 Co-/zinhas Dormitorio das Creadas/ 2 casas - e tem mais 2 varandas./ 1 Casa de Utensilios, 2 Casas de /Preladas, 5 Casas de utensilios, 5 mo-/radas de Casas, 3 de utensilios, Casa / de amassar, 3 pequenos fornos e 3 cel-/leiros; 1 morada de casas com [ilegível] / casa de utensilios, 1 casa de Utensilios.*

*(Na lateral diz) 3 Casas de Uten-/silios; =Casa da/Portaria interior com / 1 casa - Portaria de/ fora e 2 casas da Ve-/leira, e escadas pera as grades.*

*2º Pavimento: Tem um Dormitório com repartimentos para 46 camas - 9 moradas de Casas - mais uma mora-/da - 2 moradas 1 dita Casa do/ Noviciado com 2 Casas - Tem uma Capela de S. Domingos - 2 casas/ moradas - com 9 casas - Enfermaria - 3/ moradas de casas - casa de Botica com/ 2 casas de despejo.*

(Na lateral diz) Casa de Preladas/ com 4 casas, 1 mora-/da- Casa de Cuouro/ e 1 morada de Casas/ 1 [ilegível] - e 2 casas de/utensílios - 1 casa com 3 grades, Casa da Portaria interior com 1 Casario.

3º Pavimento: Tem um Dormitório com 14 reparti-/mentos para camas e 4 moradas de copas / - 2 moradas de casas - 4 moradas de caves. Igreja: Tem duas portas para a Rua de Mendo/ Estevens outra para a Rua de Maxede, tem/ um altar-Mor e três Colateraes um altar Mor tem as Imagens de S. Francisco e / S. Domingos com resplendores de Prata e no /Altar Colateral de lado do Evangelho/ dito um Tumulo com o Senhor Morto/ e a segunda do mesmo lado tem Santa Maria Magdalena e Sto António com seu retablo/d'um pano da vida de S. Bernardo, /ao primeiro do lado da Epistola tem N<sup>a</sup> Sn<sup>a</sup>/do Paraizo Sto Anto, S. Jozé, S. Vicente de Ferrer/ e S. Thomas de Aquino e os dois mininos Coroas/ de prata com pedras roxas e os Santos resplen-/dores de prata e o segundo do mesmo lado - tem Santa Anna e S. João Evangelista / N. S<sup>a</sup> a dita com Coroa de prata e Santa Anna e S./ João com resplendores de prata e huma/ cruz [ilegível]. A Igreja he toda / de azulejos. (Na lateral diz): E Santo Antonio é/ d'um Almario Com Coroa N. S<sup>a</sup> de uma religiosa E Coroa [ilegível] N. S<sup>a</sup>/ e o Menino são de uma particular S<sup>a</sup> João e Ornatos he de uma senhora particular”.